

corpoesia

pedro chiappini

cantos

meu sonho é um beijo
um caminhar perene
pela pele do universo
no verde e no **verbo**

antes do sol nascer
há muita vida nessa **hora**
mas pra que tanta poesia?

sou um vagalhão do tamanho da terra, que abraça todos os cantos, **cantos!**
e me desloco na velocidade sagaz e insistente de alguns poucos metros por dia
subo nas costas, visito as ilhas, mergulho nos abismos e desvendo montanhas,
porque eu quero tocar a alma do mundo, ver com os olhos de deus
porque meu equilíbrio não está entre 1 e 10, mas entre um milhão e seu contrário!
porque quando eu for minhoca um dia descansarei em paz em uma poça de lama

não havia amor na minha veia até que nos tocamos naquele olhar
fomos um. toda vida de bilhões de anos e sopros de pólen sempre foi uma!
tua beleza azul sem parâmetros e minha ânsia delirante e noturna
sua respiração de onda e voz de maré tortuosa e quente. fomos um!
e jogamos eróticos jogos **mudos** naquela época de um segundo solar

26/12/2004, um terremoto de 9 graus na escala richter, ondas de até 10 metros que viajaram a 900 km/h, deslocam **ilhas** em até 600 m, alteram o eixo da terra em 2° e matam mais de 60 mil pessoas. é o fim do mundo. é o fim do mundo? acho que sim, mas não por tudo isso. é o fim do mundo, e eu morri hoje, porque hoje eu disse não a um amigo.

a bíblia!
desde que a abandonei
nunca a joguei fora
ela resisti a ir embora!
fica ali na minha estante
esperando pelo dia em que fumarei em suas páginas de **seda** a erva da alegria

de número, em número, em número
a vida se contradiz
porque no tempo, na história
- e isso é ela mesmo que diz -
porque na **memória**
a morte é maior que a vida, e muito

temo fazer e
não faço e
não faço **por que**
temo fazer mas
o que temer?

as ventanias, os raios,
os vulcões, os maremotos, os furacões,
as auroras boreais, as pororocas,
as tempestades de areia, as mil sensações,
o mar profundo, as profundas flores,
a altura do céu, a altitude das dores,
por fim a infinitude, forças, desejos:
pra que inventar um deus sob **deuses?**

caminho sempre para o **leste**
contra o relógio fundamental
mapeio as nuvens, levo trigo e leite, leve
sempre quase e n c o s t o n o s o l

do que vale a forma
se não for malhada?
malha, se não for
formada do que vale?

quando eu sou mais livre? pergunto
– se é que isso se pode medir –
quando eu não **depende** de ninguém ou
quando ninguém depende de mim?

poetar como um industrianato
como alguma poetossíntese
digerir o insumo-dor-mente, expelir o produtoletra
como alguma existêncilidade
estar-e-ser como alguém-ninguém-mas/mais
até quando e onde se poder-ver-íssimo
estar-e-ser como quaseacima, mas/mais
também quando e onde não _ sempre _: poevivaaarr

maior dor do que tocar
e com isso poder se ferir
é não tocar por olhares
tocando, mesmo assim,
arrastando a tua luz na minha

não há tanto desespero assim no amor:
no amor-meio, esse **terceiro**, sim

retorno à solidão
de novo nu
mas ontem deitei minha paixão e razão sobre o ombro de **amigos**

agora retorno à ilusão
de mundos mil
mas desde ontem sei: somos um único futuro de muitos destinos

precisamos
aprender a **não**
sobreviver

antes a poesia
depois a (pouca) comida
aí então a **fome**, maior do que nunca
e a revolução

maldita gaiola (n)aquele apertamento
gentinha
há só um tipo de gente que eu desprezo nesse mundo
gentinha
aqueles que roubam à vida o pássaro p o r q u e não sabem **voar** ou cantar
gentinha!

poesia é ter sede e fastio de **realidade**, ao mesmo tempo, e brincá-la

desejamos sempre reencontrar aquele **instante** voraz que incendia as noites brancas

sentir é silenciar
calar
mudar
e nesse algum-além do **silêncio**
calar ainda mais, tatear seu riso
mover na sua cadência
e mudar completamente
o que é não quando não te sente

não pode haver lugar **melhor**
no mundo
do que a sombra de uma árvore
à tarde
e o sol escaldando
e um suco de graviola
e nenhum futuro
a mais do que o futuro da árvore

haverá um dia em que se morrerá

ele: um eu

estará andando calmamente pela tarde na hora da avenida arborizada

pois eu: um ele

irá

cairá vagarosamente pela tarde, naquela hora exata, uma **sacada**, inteira

e ele: esse eu

haverá um dia em que se perceberá

a luz que antecede a aurora
de onde vem?
vem de um sol que não tem hora
pra **nascer**
e não se detém

uma certa onda vermelha se aproxima
arrasta o azul, o véu, o tempo
não mais do que **fogo** e vento e cinza
um crepúsculo anuncia todas as vidas

no silêncio

um sonho da **idéia** que me anima
se esgueira na palavra-sopro
e me encanta!
ao sussurrarr enfática que eu não a tenho

fato

com

afeto

afato ou feto?

primavera!

nem toda transa é transe
 nem toda trama é drama
nem todo beijo é relance
 nem todo corpo é **cama**

o universo gargalha escancarado,
mas a **gramática** é tímida

papel e letra
pele e experiência
pra virar emoção
têm que virar borboleta
magnífica **folhinha** que fagulha poesia no vento da vida

no transe dos tambores
no flutuar das flautas
concluo porque não evito
demônio, logo existo

o vento balança o **mó**bile desvia o vento balança o mó**bi**le desvia o vento

sua fragilidade já não me encanta mais
me irrita!
quando a vida te bater, **porra** mulher,
não chora, grita!!!

cores impossíveis do céu de aurora
como viemos parar aqui?
natureza! com certeza
porque houve qualquer dúvida sobre **isso**?

criar é dançar nu
e incendiar o tempo

qual força habita no silêncio do **corpo**?

meta fisica

despertado do descanso sincero,
o jovem se assusta ao espelho.

cara amassada, chuva contada...
unhas, cicatrizes, aço em meio ao pêlo.

abafado, frio... cômodo... inverno.
cortinas pela metade... poeira.
bonés, folhas, fotos, bandeiras.
sangue, discos... cores do teto.

sem sentimentos.
sem ressentimentos.

strange, strange one...
muthafuckin, how sound !!!

... roupas ao chão,
músicas... nenhuma canção.

portas... grafite, vivas paredes.
idade? tal qual sem-te-se-m ter...

- "mas esqueça, eu me odeio..."
roupa suja rasgada alma.
seu corpo queima de dúvidas,
e da certeza de não ter ser-tes-alguma.

- " não esqueça, eu me odeio !"
meus pais lutam... assassinos...
da eterna neo-guerra antiga.
borboletas são sempre esquecidas.

sem sentimentos.
sem ressentimentos.

and problemas

jovem profissional

with no ways out

sou contra...

não sou nada...

sou contra,

sou apenas...

betrayed,

chaos manager,

a culpa é pior que câncer...

pedaços que cortam fazem

pedaços que cortam a tudo...

ifuncokryâonucailal

vóiddiao

despertado do momento sincero,

o jovem já é apenas um corte de cabelo...

and...and...and...

tchiii...crack...zirkbummm...

... água seca...

..bái...

...et coetera...

cheguei, esqueci, estou.
estive esperando por um tempo.
que trouxesse uma resposta.
estive esperando a resposta faz muito tempo...
confundi a essência com a alma.
o corpo com a sombra.
em tal momento profundo,
senti os livros, observei o odor da chuva, provei da bela forma
e do cinza tão vivo das nuvens em cólera incessante...
despi o corpo nu.
beije a pele, mordi os nervos... lambi os ossos.
toquei o toque... do trovão em seu som fui ao espaço.
senti o melancólico sabor de um relâmpago
em agonia extasiante.
entre o essência e a alma.
entr e o c o r p o e a sombra.
ceguei os olhos que ardiavam de culpa
e mandei toda dor pra longe...
de volta pra casa.
arranquei meus braços e pernas... pus asas no lugar.
ergui meu muro de lágrimas e desejos. contra tudo.
contra o amor...
cacei a cada segundo a letra que contrariava o sujeito,
omitia o verbo e desconstruí-a-a-imagem.
estimulei. percebi o estímulo. o impulso. o pulso. a busca.
o escuro...
a obscura luz que circula pelo sangue.
me afoguei no suor e escutei a canção do coração.
relógio do tempo no qual procuro a resposta.
manipulei o sentido. fiz de tudo vermelho...
estive esperando esse momento... me perdi... fui feliz.
fiz do sonho eufemi(ni)smo.
toda verdade é um segredo até que a façamos caminho.
estive esperando... esqueci do tempo, da resposta...
despertei e fui ao espelho. simplesmente me olhei.
eram dois, eram um, eram nada... era eu...
naquela **poesia bandida**
chorei, sorri e gritei...

amanheça, tome seu **l.s.deus**, respire o dia... mas não muito fundo.
há neblina cinza no sol, fogo nas nuvens. a vida é uma lata de lixo...

tome seu café mas não muito.
esteja atento. não durma no ponto...
não dê esmolas. não dê um pão. finja estar dormindo...

siga seu caminho. pare no sinal. faça um sinal...
sorria para seu amigo. faça uma social... mas fique sóbrio.
mas desconfie. pois o amanhã nunca se quer saber.

fique sóbrio. viva para você. estenda-se a alguém...

leia, veja. escute. mas não muito...
evite o stress... sinta um pouco o vento frio.
sinta um pouco o silêncio. a buzina. o (maldito) sino...
políticas, artistas e amigas são bactérias necessárias à vida.

seja feliz. mas não muito. do contrário sucumbirá à inveja...
tenha seu orgulho e não diga a ninguém.

não imagine substantivos para adjetivos inusitados.
não escreva sonetos decassílabos sob medida para um caixão.
cante mas não tão alto. enriqueça mas economize.
ame mas não perca a razão. não se deixe levar por nada.

entre o cavalo e o foguete nunca esqueceram do pão.

a vida foi melhor um dia. estávamos mais longe do céu.
estávamos mais longe de nós então.
livres do veneno das horas então.
tudo era melhor quando ainda não fazia sentido.

agora temos a certeza do que fazer. sabemos exatamente.
aprendemos a ser caricaturas de deus.
e, quem sabe, tudo isso, no final
possa até valer a pena, quem sabe...

algun dia não hoje a vida é uma lata de lixo...

esse **meio tom**. esse cimento. esse ar tão sem oxigênio.
essa brisa sem vento... sem vida.
dessa maldita armadilha que chamam de centro...

da cidade nada amo, nada quero. nada se compara...
com aquilo que desejo... com a alma... tenho medo.
não tenho sede. sono sem sonho...

tão frio esse meio tom. esse cimento. essa alergia à paz.
esses homens tão sem oxigênio. em seu movimento...
sem vida... sua vida nesse lugar que chamam de centro.

da cidade q nada c ama nada se quer tudo se compra,
tudo aquilo que é desejo... sem alma, sem freio,
essa maldita locomotiva de meio tom da ambição.

esse tom, esse cimento... não se encaixam em mim...
não como cimento. não respiro ambição.
sinto sempre falta algo a fazer.

não sinto uma síntese na antítese dos sentimentos.
não há hipérbole nessa liberdade... há gerúndio. cego.
não mais sujeito ou verbo... infinitivamente impessoal.

nesse meio tom não existem bocas.
espelhos caminham. a dor se imagina... dor...
sem saída nesse cimento. sem sangue ou despedida.

não há sorriso nessa maldita armadilha.
não vejo vida nesse meio tom. nesse abismo...
nesse lugar que se insiste em chamar de centro.

dessa maldita armadilha que chamam de centro...
não tenho sede. sono sem sonho... no centro estou morto.
sinto sempre falta algo a fazer.

dessa rima perfeita sem poesia.
dex-poezimos; morte ao centro.

trevas sobre mim sob meu ser por você
tal solidão fulminante
separa o horizonte e faz chorar as estrelas

tão melancólica é a morte da luz
quântica pintura da memória
insano o pensar de que existe razão no tempo

o tempo é uma balança, na qual
de seu lado esquerdo pesa-se a dúvida
de seu lado direito pesa-se o medo
no meio pesa-se o sonho
daquele que apenas sonha em ser
algo que não se pese na balança do tempo

a mão não é terra
a rosa naquela não é bela
tão melancólica é a morte da luz
vã **mitologia da vela**

onde poderemos encontrar o amor
nesse caminho cicatrizado?
de corpos perdidos em nuvens de dor e de fé
de pobres homens tão donos do mundo e tão escravos de si
de uma garrafa rubi quebrar a profunda inércia do corpo
e agora em seu peito se deita a ilusão, e a-garra
talvez o 7º andar seja um degrau
talvez a porta o abismo do céu
e a lua um dos olhos de deus e todos
rascunhos de um livro qualquer
uma página velha numa enciclopédia no porão de um e.t.
mas eu e você, tal como conto imutável... sol e lua
e eu a colher de suas estrelas beijios... tocar-te ao eclipse
preso em seus braços, solto no espaço, passo a passo
além de onde poderíamos ser reais
mas onde poderíamos encontrar sentido aqui?
onde poderemos encontrar o amor
nesse caminho cicatrizado?
e quando a eterna viagem se acabar,
e despertarmos novamente
como se tudo o que habita o desejo
deixasse de ser ilusão pois

trevas sobre mim sob meu ser por você

tal solidão fulminante

separa o horizonte e faz chorar as estrelas

tão melancólica é a morte da luz

quântica pintura da memória

insano pensar que existe alguma razão no tempo...

o balanço muda tudo
o tempo é uma balança, na qual
de seu lado esquerdo pesa-se a dúvida
de seu lado direito pesa-se
o medo
no meio
pesa-se
o sonho
daquele que apenas
sonha
em ser
algo que
não se pese na balança do tempo

tão melancólica é a morte da luz

tão luz é a morte melancólica

tão melancólica é a morte da luz

tão morte é a luz melancólica

vã mitologia da vela

era o tempo da poesia
nada era geométrico
aritmético, abstrato
eu sabia transar com as palavras
concretas, tortas, ciganas
dos sonhos melancólico nirvana
castelos das florestas de cores de mistérios

era o tempo da poesia
eu via poesia no tempo
no beijo, no vento
a brisa-manhã do dia de sol
era um beijo doce
eu acordava e o dia seria o que fosse
deserto de desejos, libertários etéreos

mas hoje eu acordei para a poesia
não sonhei demais
nem mudei, não lembro
despertou em vão um vazio cinza
era aquele céu de sempre-inverno
que me inspira poeta, agora pra quê?
toda poesia está em você: útero ou cemitério?

tempo novo de mim, minha **outra** poesia

acordei e vi aquela formiga gritar.
não pude suportar aquele hálito de natureza violada, precisei acordar.

pensei nos dias. pensei nos dias.
me lembro que estive colhendo visões para escrever alguma poesia.
me lembro que dancei com as sombras, seus suores de musgo e beijos de tempestade.
lembro de ter sido fantástico encontrar aquele vermelho espontâneo
entre as rotinas-muros cinzas da **cidade**.

derrubem todas as cidades. plantem girassóis no lugar. plantem luz!
injetem seiva quente e alucinada nas veias do acionista moribundo.

andei pelos dias. poucos corpos achei. pouca vida.
sim! caminhei colhendo corpos nus para que houvesse substância.

existem estacas de metal que gritam silenciosamente no lugar dos campos pulsantes.
pessoas alugam sua sanidade em um jogo de tabuleiros de comprimidos e de seringas.
percebi como um soco a frustração daqueles cabelos que poderiam ter sido rebeldes.
vi o olhar da criança bêbada de esperança e inocência que esperava pelo pai
naquele bar, 7 palmos abaixo da dignidade, bêbado de repressão.

não pude resistir e me perdi ao longo horizonte de nuvens que viram montanhas de
fogo, que levantam montanhas que viram nuvens, delirantes.

quisera eu que toda guerra se tornasse uma dança libertária, ao som de tambores
primais, não mais canhões!, e de melodias de vinho intercontinental, não mais de
gritos de horror e desespero.

hoje cada gota de prazer que bebo amarga uma sede venenosa
pelos que não beberam...

quisera eu que todas as dores fossem de amor. abaixo as dores!
mecânicas: pneumáticas, binárias, programadas, banais...
no fundo, pouco amor colhi. pouco encontrei, no fundo.

tentei esquecer os dias.
me lembrei que estive fazendo planos para uma casa.
(vazia?)

tentei não lembrar daquele hálito inexorável de natureza violada.
(minha?)

meu deus, eu juro que jamais matei uma formiga, uma idéia, um sorriso.
(mentira?)

havia uma vontade de saudar a antiga brisa calma dos meus 7 anos.

uma vontade louca de afundar a cabeça em uma bacia de anestésicos.

de explodir como supernova e de espalhar meu sentimento pelo universo.

e não pude aguentar.

fui andar de bicicleta no parque.

ao **meio** dia
o dia adormece
ele meia

e nessa hora,
na verdade momento,
mais do que hora: tempo

nesse sentimento!
tudo é paz, não desespero
o coração demora

ele meia
como o dia: aquece
ao meio dia

e é nessa aurora da sanidade que eu me deparo e me lembro,
não apenas são de raciocínio
mas sobretudo de razão: a mesma que têm a raiz e o vento,

que a Verdade morreu e já não ressuscita
que sempre logo há de chegar o eumicídio
que toda a vida cabe dentro do doce flutuar de um dia

ao meio

houve um tempo em que comíamos a morte
e as cidades exalavam aquele cheiro memorável
de sangue escorrendo pelas paredes dos edifícios
de varizes purulentas nas bundas dos escritórios

comíamos não só a **carne**, mas também a pele e os ossos
e por vezes até mesmo os nervos, e lambíamos os beijos
alguns inventaram uma tal de alma, e devoravam-na, obesos

ficávamos tão gordos e inúteis, que mal abríamos a boca
e também isso não era necessário para o tal banquete:
tentamos muito, e evoluímos, até sorvê-lo por todos os poros

houve um tempo em que devorávamos os sorrisos
e as cidades exalavam aquele cheiro memorável
de alegria triturada pela inescapabilidade de tudo aquilo
de todos os devires rendidos em uma imensa casa de corte

deus carne

houve um tempo em que comíamos a morte
tempo em que comíamos a morte
comíamos a morte
a morte

houve um tempo

comíamos

deus carne

o que merecemos
como podemos partir esse fio podre
 que se estende até aqui
 desde cavernas imemoriais
e quando o **passado** acabar
não me importo com classes, cores
estou falando de dores
 cruas
 dores nuas
 dores fatais

mas o que merecemos
por ter devastado campos, sorrisos
 mil toques sensíveis
 e vendido a vida, descarados
qual vento seguir agora
não digo que buscamos amores:
nunca! nunca quisemos isso
 fugas!
 nisso sim
 nos perdemos

e o que merecemos afinal
por ter fugido do corpo e da terra e por ter traído o sol

e quando o passado acabar
qual vento seguir

pra onde fomos?
eu e você, meu amor
quando tropeçamos e caímos nesse abismo tortuoso de limites circulares?
nessa terra de claustros e campos decepados

quando cultivamos nossa seiva ardente
em campos de flores plásticas e espinhos de aço?

porque afundamos os pés em terra seca e pueril?
que raízes queríamos fundar nesse império de máscaras?
em que sono vampírico afundamos nossos sentidos? por momentos de milênios

mas estamos renascendo
encosto minha cabeça sob o teto desse deserto
e descobro que acima dele existe um jardim de cores e aromas inebriantes
quisera minha poesia não tivesse retornado por ódio

mas de qualquer maneira estamos renascendo

por onde andamos?
pra onde vamos agora?
nesses dias que caminhamos sobre o fio da navalha

eu e você, meu amor

gosto de passar entre as crianças
gosto de passar entre os jovens
gosto de passar entre os velhos

não gosto dos adultos
eles merecem o prefixo a
grego
m á quina

as crianças: elas alegam, desconstroem
os jovens: eles transpiram, acreditam
os velhos: eles sabem, sorriem

os adultos: gregam, maquinam
os adultos n a d a
a
gosto de **adultar** um adulto

essas caras nos bares parecem tão mortas
sem lugares
sem horas
elas flutuam
sem lugares
sem horas
a cidade é um deserto repleto de esquinas trêmulas
eu já estou na terceira cerveja
a cidade já está nas últimas

quando a poesia vai acabar?

na carteira eu tenho 25, a conta certa
um antes do suicídio
eu tenho 25
e resolvi andar por aí
registrar a noite na íris

e não me importa se a liberdade na-da arte é uma ilusão
o que restaria então?

(o mais difícil agora é encontrar um local onde eu possa encostar o papel e escrever,
a cidade não está preparada para a poesia)

todas as mulheres de saia são a origem da loucura, elas olham!
é preciso segurar as palavras nessas viagens loucas,
que elas transbordam, que elas explodem
mas aquelas caras nos bares... preciso olhar mais de perto
mas não há pertos aqui
são apenas caras
e banheiros que cantam
não há voz. há ondas, que ondas são essas?
que não quebram, se arrastam em uma anarquia de dor,
de sentidos, de cor, de gemidos

de sonhos. quando a poesia vai acabar?

a cerveja é dura e bate na aorta que nem o amor
vi um amigo. estou com medo
não consigo achar um lugar onde parar
pois aí teria que pagar uma garrafa e não quero
quero registrar a noite na íris

mas ainda não me importa se a liberdade na-da arte é uma ilusão
o que restaria então?

eu tenho medo
tenho desejo
tenho medo
tenho desejo
tenho medo
tenho desejo

mínhas letras já não estão claras e nas formas parecem que ventam a si mesmas
não posso subjugar meu medo
não posso realizar meu desejo

estou sozinho. findo assim?

é hora de voltar pra casa
essas caras nos bares parecem tão tortas, mas não mortas embora não brilhem
vida que não anda, vida de pedra
são pedras que buscam o calor de um sol que já se apagou
nessa uma noite nenhuma

quando a poesia vai acabar?

era o tempo das noites loucas
e morrer: uma questão de experiência
e voltar daquelas mortes urgentes, sempre:
estar na beira de toda potência

era uma delícia enganar o tempo
e sentir apenas o que se sente

era o espaço das noites luzes
e correr pelas ruas como savanas
e voar sobre aquelas praias de sensações
afiar na pele o corte da espada

era uma aventura dissolver o espaço
e incandescente gritava pela paixão

buscava aquele último raio de sol
que escapava entre as nuvens de dor e de tédio
buscava a cada gota mais um gole de prazer
quando já não há mais o que gozar,

aí sim, estamos **plenos**

quando era aquele alguém: insano iluminado
podia até estar no futuro: um certo hoje pelo desejo é certo
insano, iluminado: comer e digerir aquele alguém
e estar no futuro, enfeitado:

jamais encontrar o último verso

sobreviver à madrugada vermelha
amanhecer, apenas
porque não vemos quantas luzes nos perpassam
por tempos é sobreviver que desejamos

e quando soubermos de novas madrugadas
sensíveis
lúdicas
aventureiras

poderemos luz **amanhecer**, talvez
porque teremos que não mais sobreviver
poderemos, quem sabe, sobretudo viver!
e só aí então desejaremos, de vez

miserável!

miserável!

acordado às 5 da madrugada, sozinho, insone e drogado

de queres não repletos tão pouco atendidos

miserável! e quase chego a pensar no vácuo

a única esperança agora é que tudo seja um mal entendido

não poderia sequer seguir a respirar caso não fosse

miserável! ainda resta um gatilho

a coragem de esmagar-se até que apenas possa exalar um suspiro

disperso

seria doce?

conter em si todo querer e se bastar miserável a qualquer hora e lugar

que fosse

as nuvens se foram e um sol renasceu
diferente
fogo mas também musgo
silencioso
inigualavelmente poderoso
em mim

as flores se abriram, ficariam asfixiadas:
o amor se reinventou

o aço se rarefez, não há mais medo:
apenas corpos e movimentos

a vida mudou e me pediu uma nova poesia
apenas fluxo
diluir o véu no sêmen da loucura
apenas fruto

a maior **emoção** é incompreensivelmente fria e certa
algo como um amor a faticidade com que a leveza se obriga a instalar

quando a **Razão** for destruída,
e assim será, do contrário

nadascera

ao que nos entregaremos no vazio?

ao amor, ao prazer, à alegria:

algo que recomeçará

pelo meio?

o que fazemos aqui, colonos,
neste solo que não é nosso?

a Razão é entrópica

meu **hermes** não leva
mensagens perfeitas de deuses a homens
ele é do ruído
resvala
troca interrogações por reticências
trocas entre-aspas por exclamações

movimentos na hegemonia
momentos no homogêneo

a emoção é estúpida

somos

um amor morreu
e aquilo que o devora, serpente,

é a mesma que
com veneno alimenta uma semente,
de vida,

que irá dar à existência uma beleza jamais vista
de caule mais forte e flor mais sensível
um dia,

de repente,

e será feliz estar de novo em casa,
no tempo de um beijo, eternamente

transávamos a madrugada
e me recordo profundamente de que éramos um, e muito!
naquela hora em que atravessávamos o possível
deixávamos o mundo em algum lugar e era sempre um outro-nós que voltava

e os sonhos que concebíamos
me recordo de que eram de tudo ou nada, aqueles nossos filhos
agora não mais as manhãs de sol, um abraço nublado
deixando quase nenhum caminho no mundo à frente: **um outro nós?** que seja

a chama do vulcão se expande ao destruir a pedra
e recria a montanha

o pássaro inicia o caminho do vôo ao romper a casca
e recria o céu

a luz dispara quando dispersa e inunda as estrelas
e recria o espaço

o choro se escuta quando liberta
e está marcado um novo possível
e recria o amor

e **mil tempos** circulam
incólumes

envolvem os tempos à dor

e na fina linha do medo flutuam
inefáveis

montanha e céu e espaço: infalíveis, chamam

queria que um beijo meu pudesse dar a vida

na verdade provocá-la, feri-la
arrancá-la do limbo e amanhecer

do círculo sombrio
da náusea espiral
da vertical linha de fogo

você

real, presente, total; com apenas um beijo

vem, minha amiga
fica comigo
seu amigo
me conta a história da sua vida
seu medo
seu sonho

e ao final me abraça

mas vem, amiga
escuta o vazio
sinta o silêncio
beba o vinho de toda uma era
seu desespero
seu encanto

e aqui mesmo fazemos um **filho**

como o quer, me diga
de riso?
de livro?
agora mesmo fazemos uma filha
com zelo!
e delírio!

e ao fim
que então será um belo começo
me abraça, ainda,
e bebemos juntos o último beijo de afeto

nenhuma das cores que pintam
o quadro que vejo na minha **janela**
parecem químicas: elas se movem

e também química, mas uma outra,
que eu não quero ou poderia teorizar
mas apenas devolvê-la, incólume, ao vento

da minha janela, que não é minha
algumas folhas sobre um tronco e um pássaro
e um dia, que não é meu, mas me atravessa

o corpo pesa

será o primeiro dia ou apenas um a mais?

de qualquer maneira algo se revela
e o corpo o repesa

não quero levantar embora já esteja lá

porque de qualquer maneira penso: expande, contrai
e o corpo despesa

por toda a coluna buracos negros e nós de tempo físico até as mãos

meus pés ainda equilibram embora não elevem
porque um corpo me desvela

não mais, não mais apenas um núcleo acético num **plasma** dissolvente: oxalá!

um beijo desperta o dia que se cria quando se trai
o corpo releva

nunca mais aquela tarde incabível
que me expandia do magma ao máximo
do núcleo cáustico ao númeno cálido

nunca mais aquela música infalível
que me estendia do pálido à palavra
de um sono válido a um algo caosfinito

nunca mais que um segundo ser
de
um ser ausente mais do que sempre

acordar de um sono-captura,
incitar a fome,
buscar novas viagens

ser muitos e emocionar-se,
perder a noção,
a direção,
os territórios

perceber a rede vibrar por completo:
eu, um nó prestes a se desfazer

ser um outro-quase no próximo momento
colar pensamento e sensibilidade,
fala, escrita e abraço,
transa e trama

ser um corpo na agonística dos contatos
dissolver a culpa,
o medo,
os sentidos

(re)inventar alguma **alma**,
esse algo invivível,
construí-lo

deixar ressoar o instante improvável

eu já estive com os lobos

eles seguiram meu rastro
e me encontraram gritando
rasgaram minha armadura
meu coração
sopraram calor no meu **sangue**

e fizeram daquele grito meu canto
uivo nos vales

a de caçá-los passei a caçar

seguir o rastro da lua
a encontrar aqueles que gritam
e rasgar suas armaduras
entregar o coração
dar calor direto do sangue

e fazer do lamento canções de encanto
beijo no topo dos ventos

e seremos lobos, e estaremos conosco

que uma flor dure apenas um dia
não tem a menor importância
há algumas delas com tanta beleza
tão desconcertantes, percebo
tão vastas e inapreensíveis
que poderiam eternizar a aura de cada hora

que se ame e se cuide dos gatos
que os libertemos ao alimentá-los
isso é preciso fazer, com certeza
com tamanho desapego
com tanta desrazão: é irresistível!
que gostaríamos até mesmo de sê-los, sempre agora

que se viva uma paixão navegante
que eu me perca nos teus olhos
que me encontre no teu abraço
que me revele no teu beijo
e possa ancorar meu desejo no teu sorriso
e entregar tudo que sou no delírio de um sonho desperto

que possamos acreditar na alma
ou senti-la quando não acreditamos
não é algo pelo qual vale à pena lutar
podemos criá-la! somente ao quisermos
e podemos libertar ao criá-la: libertemos!
mas é sobretudo à **alma dos gatos** que buscamos

deliciosa ficção
exata imagem que perpassa o concreto
e deixa seu rastro
secreto a quem não pode entendê-la

lúdica inspiração
é nela que me lanço num salto incerto
e te assumo e te arrasto
completo! por cada momento que posso inventá-la

que um amor dure apenas um dia
não tem a menor importância
há alguns deles com tanta leveza
tão flutuantes, tão sem medos!
tão afirmativos e inevitáveis
que poderiam realizar a vida de uma vida

uma presença inominável
o silêncio do inverno
as folhas secas
a brisa leve
 apenas
 ou a sua ausência

um movimento descaminho
o sempre-vir do inverno
as folhas na chuva
a brisa na tempestade
 apenas
 ou sua resistência

de forma alguma deixo de estar em mim
mas um outro corpo-tempo, sem núcleo, sem casca, teia negra
porque danço no vento e já sou muitos
e me reencontro no pólen fecundo

das flores de uma novessência

e sei que o amor é uma sinfonia de tatos e luzes
sei que o amor é um gargalhar breve e sutil
encarnar o instante-interseção como certa magia
(algo assim como **a alma das flores**)

inominável descaminho de si

e sei que um deus poderia até existir

nascendo no beijo de uma mulher

1

quando me percebo sobre a montanha
calo meu coração ao vento
estive circulando a selva, lá onde ela nasce
buscando solitário uma trilha no tempo
e agora calo minha respiração, compreendo
o que meu pensamento não alcança:
algum sentido que ao caminhar renasce
posso inventá-lo agora: **pela alma das borboletas**

2

talvez não haja pergunta na vida
tão importante quanto perguntar à vida
o que dela poderíamos fazer

não fosse a alma das borboletas
nos perderíamos na resposta fácil
de nos perder, de nos achar, como algum eu qualquer

mas é de vivê-la justamente, essa alma inquieta
que podemos voar ao não responder
e nos libertamos por apenas perguntar

3

essa calma branca de manhã quase-aqui
de primavera quase-aqui
de amanhã quase-sol, essa paz desumana
mas não há primavera ainda: ela beira, deriva
e isso me cativa, me encanta: com um olhar de lugar algum
de toda sensação, de estar no meio de tudo:
porque podemos transar os afetos
podemos inventá-los agora: pela alma das borboletas

4

talvez não haja palavra na vida
tão importante quanto essas quase-aqui
o que delas poderíamos fazer?

não fosse a alma das borboletas
nos perderíamos na resposta fácil
de como escrever o sol, de como querer algum eu qualquer

mas é de vivê-la justamente, essa alma inquieta
que podemos voar ao não requerer
e nos libertamos por apenas aqui-estar

5

essa alma violeta
isso vive no meio de dois
não entre o casulo e a borboleta
mas entre um eu e um você encarna

essa alma-verso
aquilo que vale em nós
que entregamos ao mundo: e liberta
que reescreve a cidade, a emoção, a aurora

6

essa certeza
tecido de noites-galáxias
isso não vive bem aqui dentro: é borboleta
e seu instinto não se contém – inventa a alegria: é de alma

7

quando habito em nosso corpo-casa
já não há mais voz: inverto
estou conversando com o silêncio
buscando uma trilha em um novo tempo
fecundando a vida na respiração e não intento
sentindo o que de sentirmos já se alcança:
algum sentido que ao caminhar renasce
podemos inventá-lo sempre: pela alma das borboletas

sptz alados
águas lentas
nuvens em chama

um cheiro doido de madeira serrada e de cerração

e meu corpo conclama:

sonhos são lendas
desejos rachados

e tudo que existe já não

passa de **um só coração**

como se o mar se levantasse
insurgente

revelando todo um outro mundo no mundo

e tivéssemos uma empatia sem precedentes
e as nuvens que lá estão além do além
pudessem ser vistas, aqui estivessem

relevando todo um outro poder

tartarugas e baleias tomariam os céus
lagartos e pássaros penetrariam a terra
e do meio desse reencontro ancestral
nasceriam as serpentes

que nos envolvessem
que nos envenenassem
que nos entregassem ao delírio
 que atravessa o impossível

e esqueceríamos de vez daquela **árvore** solitária
porque já o machado fatal que a esquartejou
teria se voltado sobre o corpo de seu carrasco
como flor-navalha que caía, divina, vermelha, sutilmente

e nós, que até então lamentávamos a morte
fariamos festa! nova noite

como se houvesse vida após a vida
semente

músicas errantes da noite
se perdem
flutuam
se encontram
e compõe a noite
lúdica

cantam as cigarras me recortam
espalham pedaços
do que era eu

do que eu era
pedaços navalham
cortam as mariposas me encantam

alimentam corujas que assaltam
seus vôos rasos
sombras de perfumes nostálgicos perdidos
serpentes tomam o céu e capturam
retornam à terra

tecimentos de múltiplos véus esquecidos
penetram nos troncos se enterram
há um caminho além
chegam próximo às superfícies do inverso
e o caos inclui engole conclui desintegram
dispersam o diverso
desmomentam
e eu

que agora já posso me dizer
posso emergir
posso oferecer
posso sentir
me entrego ao óbvio absurdo
pedra flor neblina

da noite errante sou música
me perco
flutuo
me encontro
e a noite compõe
lúdica

uma paixão que arrebatasse a tudo
que fosse todas as paixões do mundo!

a pele de um movimento sem limite
corpo, olhar e voz de um poder-fazer-livre

que revirasse toda lógica
rasgasse todos os planos
subvertesse toda linguagem
troca-se todos os longos séculos pelo passar imenso-intenso dos segundos

durasse o tempo de um beijo e já seria muito
uma paixão que habitasse passado, presente e futuro

indiferentes, **já!**

invenção-aventura de um trajeto que devora seu próprio rumo
uma paixão de sono sem volta e sem sonho

doce-amarga, provavelmente

intermanente

não uma droga
ou qualquer meditação
nem propriamente sexo
tão pouco uma ciência ou paixão

foi uma frase perdida
cantada livre numa voz passante,
passava a voz em vão,

ressoada na tarde-vento
encarnou-**aurora** num livro qualquer,
transmutou forma em tesão,

absorveu e explodiu tudo aquilo

e tenho certeza
que naquele instante

aquilo era apenas infinito

agora

como sair do vazio-rastro que deixou e seguí-lo?

(escrevo essas linhas em 60 segundos, vivendo o fato-vivo)

sentir o que se sente e por isso viver:
será liberdade estar à deriva?
por que somos mais

muito mais
e **muitos** mais

do que sabemos nesse agora que já se foi?

lutar e cuidar

o que é uma poesia
senão um registro de uma **vida**,
o rastro fugaz de uma força em exercício

o que é um dia, como posso chamar
o dia de uma vida,
o dia em que essa vida pôde reinventar seu sentido

lutar:
não tolerar a Verdade
fazer músicas e livros para desconcertar o Mesmo
falar, é preciso falar e cantar! dançar sobre o cadáver da Razão arrogante

cuidar:
não postular senão a amizade
viajar, encorajar, estar de ponta-cabeça, afirmar, afirmemos!
prazer para os corpos, amor para os encontros, alegria para os amantes

lutar, ainda, transformar-se em linguagem-navalha

cuidar, sempre, até não mais separar quem abraça de quem abraça

o que é uma vida
senão uma luta e um cuidado
que procuram seus contornos no vazio

peito aberto pra mata
maravilhosa indiferença da natureza
poesia secreta, poesia suspensa

ver a montanha acordar,
o sagüi me seguir, o cacto espreguiçar
a ave imponente no topo, sua sombra
a dançar

peito aberto pra mata
maravilhosa indiferença da natureza
poesia secreta, poesia suspensa

saldar o sol, tudo em tudo
deitar meu corpo no vento
seguir o lagarto, fazer do seu jeito
o meu movimento

peito aberto pra mata
maravilhosa indiferença da natureza
poesia secreta, poesia suspensa

o sagüi no vento, o lagarto no cacto
a ave no sol, uma nova dança no meu corpo
uma sombra de mil jeitos, um tremor
verde-azul-negro

tudo passa num segundo, num primeiro passo: tudo
respirar, apenas
respirar, respirar...
ver, subir, subir, sentir o coração bater, respirar

peito aberto pra mata
maravilhosa indiferença da natureza
poesia secreta, poesia suspensa

ver a montanha adormecer

cuidar de nossos dias sem sentido
atravessar a madrugada ilesos
chorar no silêncio da noite:
paixões antigas

peito aberto pra **morte**
maravilhosa indiferença da natureza
poesia suspensa, poesia secreta

ir acordar a montanha novamente
eternamente
lá onde ela estiver, não aqui
não mais aqui

não ser mais do que uma poesia que se esvai na brisa esquecida de um tempo porvir

o que é **amar** alguém mais do que tudo

do sorriso ao pranto, sua voz e seu eco:
cada fio de cabelo *seria* um dia, seria o mundo,
e minhas mãos querem viajar

o que é ver seus olhos buscando no escuro
e ter certeza que é por mim que eles procuram

desejar cada gesto, cada curva, cada suspiro
saber o sentido da vida ao *imaginar* um único sonho
e entender o sentido de cuidar

escrever poesias tolas e sentir-se tão outro
o que é um amor que existe mudo: perguntam, ambos, tão perto e tão longe

o que é amar *alguém* mais do que tudo

é possível fugir do sol,
à **s o m b r a**,
mas a noite é inescapável

algum dia existiu **felicidade** no mundo?
mas uma felicidade que não dependesse
da dor e do sofrimento de um outro
mesmo que este fosse eu mesmo?

nem de ouro, nem de espada, nem de abstração,
algum dia saberemos viver aqui da maneira que este aqui nos solicita?

algum dia, em algum lugar, de algum jeito, a vida já foi vida?

uma solidão, uma saudade, uma amplitude
essa tensão da cidade
nessa tarde
 sem latitude

tudo está longe e de cada qual falta um algo incerto

esse vento pequeno e breve
esse ruído implícito
essas nuvens carregadas de mensagens antigas

o vazio se move

e um silêncio expõe a decadência da imensa maquinaria
 e podemos concluir: alguma coisa imprevista vai acontecer

e o que ser á

e onde esta rá você para me guardar no seu **coração**

quando não há mais Verdade
o que **faz** a diferença
entre querer e nada-querer

viver? podemos nos embriagar
ao beber todo o dia de um só gole

e sair pelo dia em um só desejo
podemos nos largar nas mãos do sol

seria inesquecível
amigos, nós
num laço invencível

imperecível o futuro iria insurgir
ébrio de uma saudosa previsão

solitário ainda virtual

clamando por seus amantes

vir e ver? poderemos acreditar
ao vencer o passado com um só abraço

o que é aquela letargia que nos toma ao entardecer na cidade
prenúncio ou já a presença de um fim

apatia

ou busca angustiada
e cega

de uma paixão que a evite

pra que escrever tanta poesia
se houvesse um beijo seu
fosse de um minuto ou de um dia
ISSO que busco seria meu

tenho andado por aí
e encarado a vida nos olhos:
vejo um medo profundo na sua retina
a imagem de um corpo vazio

se não levo perguntas na minha caminhada
é porque viajo tranqüilo

tenho andado por aí, sem erro
e sem mapa, mas tocando a vida nos sonhos

tenho andado por aí, meio a esmo,
mas sem exitar, e sinto aproximar o abismo

a cada passo recomeço do zero e retorno ao infinito
minha trilha desaparece a cada dia um outro sentido

há uma hora em que a solidão perfeita
faz suas apostas, baixinho, no meu ouvido
sussurra seus blefes, me leva pelos pulsos

tenho andado por aí, sem erro
e sem mapa, mas tocando a vida nos sonhos

e toda vez que a **encontro** ela me diz: “vai, inventa alguma coisa e me justifica”

um beijo recorta a noite em dois tempos

e o futuro que ele traça é uma força que sobrevive ao passado

eu traço versos de angústia, tenho sede e saudade,
me entrego! porque já perco a sensação do teu corpo
que conquistei naquele sonho

ele se esvai pelo dia que nasce:

quando poderei sonhar com **você** e acordar ao seu lado?

quando você se sente vivo?
sim, você leitor que não é leitor mas um corpo que reclama emocionar-se!
quando você sente que está vivo, mas vivo mesmo?
na ludicidade de um momento de amigos
 e de invenções tolas na madrugada?
na grandeza das trilhas que sobem as montanhas
 e te colocam no meio da selva muda?
na vibração incontrolável do encontro
 onde já não é possível dizer quem é o outro?
quando você se sente vivo?
quando VOCÊ se sente vivo?
será, você, leitor que deseja,
 ou pelo menos quer desejar,
 será quando não há regras
 e viver não é nada mais do que um dia de **brincar**?

odeio estar **errado**
odeio que me corrijam
odeio quando tentam concertar o que quer que seja
não porque tema o erro
não porque tema a correção ou o conserto
não porque sinta culpa ao fazer algo errado, incorreto, sem conserto
mas porque não acredito no erro
não acredito na correção
não acredito que qualquer coisa possa ser concertada
e sei que quando corrigimos ou concertamos estamos tentando dominar o mundo
amo a arte de fazer aquilo que prescinde da correção e do conserto
amo a arte de errar
amo a certeza de que no fundo nada está errado por que nada está certo
amo a arte

você vive e por isso viverá dias horríveis
um sentimento de **vazio** completo que o fará querer desistir

na verdade, você não vai querer nada
será um sentimento de nada
vontade de nada

você não estará louco nesse dia
talvez seja o auge de sua lucidez

na verdade, será o momento mais lúcido de sua vida
será como estar à deriva:
olhar para o abismo

e saber que não há qualquer diferença
entre caminhar pela beira ou lançar-se em queda
livre

teremos chegado naquele lugar onde toda perspectiva se iguala

você vive e por isso viverá dias horríveis
e apenas a falta de coragem para morrer
não te permitirá desistir

será preciso então esquecer que se vive e apenas sorrir

solidão
uma solidão tão oceânica
que nem sequer uma brisa pra trazer o amanhã

a solidão de estar infinitamente povoado

apatia
uma apatia tão desértica
que nem sequer valeria à pena renascer com a manhã

a apatia de estar desmesuradamente esmagado

mas apesar de tudo é uma hora de paz
uma hora de paz
uma hora de paz

uma necessidade estonteante de delirar
de sentir-se fora

e apesar de tudo há uma alegria perversa nessa loucura
é que o delírio longe de ser mentira dá uma rasteira
na realidade

uma opressão demasiado titânica
que nem sequer uma espada para arrancar meu coração

a opressão de estar incerto, incertamente determinado

mas apesar de tudo é uma hora de paz
uma hora de paz
uma hora de paz

pouco importa sobreviver até que outro dia suplante as dores do que se foi

uma necessidade estonteante de lançar-se
de sentir-se **fora**

foora

fooorra

foooorrraa

e tudo se resolve com uma cerveja barata, um rock pesado e um orgasmo bandido

eu poderia suportar oito espadas cravadas em meu peito
e meu corpo dado a todo o frio do nepal
poderia não chorar ao saber que o mundo não é perfeito
e por fim desejar apenas o que é normal

mas vi você
assim, simples,
chegando de repente: sua presença sincera, poderosa, vital

traz com teu sorriso toda a alegria do mundo

eu poderia morar nos seus braços: tu serias, da água do meu tempo, o leito

rio, nos perderíamos de vez num vasto futuro

vivos, vivos! nem de **bem**, nem de mal

um silêncio profundo
não de madrugada
mas de manhã recém acordada

os pássaros começam a cantar
ainda poucos, baixinho,
e o latido dos cães, bem longe,
passaria por trovão se fosse um pouco mais grave

a brisa fria e úmida sobrevive à noite
e entra pela janela entreaberta
trazendo seu perfume meio oceano distante meio musgo do meu jardim

meu corpo envolto em panos escuros te dá apenas o rosto
e ela balança a cortina como uma mulher em seu vestido de seda, me procura,
me beija o pescoço, as têmporas, a boca,
não posso dizer se estou acordado

mas quero abraçar o vento
fazer um filho com essas **horas** vadias
poderia chamá-lo de outros tempos
poderia eternizar não mais qualquer vida
 mas o próprio momento
 do encontro
 e seu silêncio
 profundo perene renascimento

“o que é a vida
é um desespero?”
nem chega a isso

não merece tanta seriedade! “então requer desprezo?”

“é uma fome e uma sede,
uma luta sem tréguas
e um cansaço”

é uma loucura sem parâmetros, isso sim,
onde toda “dura realidade” não resiste ao delicioso ácido da indiferença

tanto fazemos quando **tanto faz**

largar-se num sobrevôo sem sentido pelos abismos de uma terra nenhuma:
“será sonho?”

e dito isso já tenho nojo de um tal existencialismo
e poderia me despedir
“pra sempre, oh!”
risos e mais risos